

O Diário de Ribeirão Preto

26/5/1985

Piqueteiros prometem reagir à ação da PM

Em Serrana, a ação policial, escoltando o acesso às usinas de trabalhadores da área industrial, revoltou os piqueteiros, que hoje prometem reagir. A passagem de cortadores de cana foi impedida, inclusive com pedras jogadas contra os caminhões, motivando o ten. cel. Correa de Carvalho, comandante da PM na área, a comparecer a um dos piquetes para advertir que "não vamos mais tolerar essas manifestações".

O oficial disse que a polícia garante a segurança dos bóias-frias que estão em greve, "mas garante também o direito dos que querem ir ao trabalho". Esse pronunciamento foi o motivo da revolta de cerca de 400 cortadores de cana — do total de 8 mil no município — que participaram de uma assembléia à tarde, dizendo que "em outras cidades, a polícia não está agindo dessa forma".

De manhã, o comando da PM cumpriu habeas corpus concedido pelo juiz Antonio Disney Montingelli, de Ribeirão Preto, garantindo o acesso dos trabalhadores da Usina da Pedra ao serviço. Mesmo com o reforço policial, os trabalhadores eram abordados para adesão ao movimento.

Os operários da área industrial, levados em ônibus, manifestaram que queriam trabalhar, passando pelos piquetes. Já entre os cortadores de cana, a maioria se mostrou solidária a greve. Assim, os 14 caminhões de turma voltaram para a cidade. "Estão sendo forçados a aderir à greve", disseram altos funcionários da usina, que conseguiram fazer com que cinco turmas tentassem outra vez passar pelos piquetes, quando então os caminhões foram impedidos e apedrejados.

Um outro incidente aconteceu à tarde, quando um grupo de piqueteiros ateou fogo a um canavial da Usina da Pedra. As chamas foram logo debeladas por um carro-pipa da usina, não chegando a afetar meio alqueire de cana. "Isso mostra que o clima de revolta está se acentuando", comentou o prefeito Aparecido Rosa, do PMDB, preocupado com a continuidade da greve, porque sábado é dia do pagamento semanal e os bóias-frias só trabalharam segunda-feira.

A greve de bóias-frias na região de Ribeirão Preto, que já conta com a adesão de mais de 90 mil trabalhadores, segundo a Fetaesp, começa a registrar incidentes, com perspectiva de a violência se acentuar hoje, quando o movimento entra no seu quarto dia. De manhã, haverá negociação, na DRT, com os representantes dos apanhadores de laranja e, à tarde, tentativa de conciliação, no TRT, com os dos cortadores de cana. A greve terminou ontem, com um acordo de livre negociação.

Reclamando melhor remuneração, a greve dos apanhadores de laranja, que se restringia a Bebedouro (6 mil), Viradouro (2 mil) e Barretos (500), atingiu ontem Matão (9 mil), Terra Roxa (mil), Monte Azul Paulista (mil), Taiaçu (700) e Taiúva (1.400). O processamento nas duas indústrias de suco de Bebedouro pode parar hoje por falta de matéria prima.

Mais três cidades — Matão (5 mil), Nuporanga (mil) e Cravinhos (250) — aderiram ontem à greve dos cortadores de cana, elevando para 70 mil (em 15 municípios) o número de trabalhadores parados só nesse setor. Em Santa Rosa de Viterbo, houve tentativa de acordo em separado, sob mediação do prefeito Nagib Mossa (PMDB), com a Usina Amália, sem êxito, e hoje o Sindicato dos Trabalhadores Rurais de Sales Oliveira tenta acordo com a Usina Vale do Rosário, de Morro Agudo.

As usinas porém, só aceitam acordo nas bases da proposta apresentada pela Faesp. Na região, os usineiros discordam dos números apresentados pela Fetaesp. Embora admitindo que seja um balanço parcial, dizem, que apenas 6.100 cortadores de cana estão parados e que, das doze empresas situadas na área, só a Usina da Pedra, de Serrana, está com sua produção prejudicada.

Em Pitangueiras, município a 50 quilômetros onde os 7 mil bóias-frias estão parados, a polícia acabou com os piquetes na rodovia Armando de Sales Oliveira e a tensão foi muito grande. Por volta das 6 horas, dezenas de caminhões de empreiteiros, orientados pelas usinas, dirigiram-se à Delegacia de Polícia para pedir proteção policial. Cerca de 1.500 bóias-frias alegando terem sido informados pelos "gatos" de que a greve teria terminado, se postaram diante do local, só se dispersando após uma advertência do comandante do 13º Batalhão de Bebedouro, capitão PM Milton Pink, dizendo que não toleraria "arruaças" na cidade.

Cerca de 200 policiais da tropa de choque de Araraquara — dos 2.600 que estão em ação ou em prontidão nos quartéis da região — ficam patrulhando o centro da cidade durante todo o dia, mas nada mais grave foi registrado. "Estamos sitiados, é um absurdo o que estão fazendo", protestou a advogada da Fetaesp, Olga Maria Melzi, que acusou a polícia de proibir "não só os piquetes pacíficos, mas também as reuniões e aglomerações de trabalhadores".

Em Barrinha, os caminhões que transportavam bóias-frias para a Usina São Martinho, de Pradópolis, uma das maiores da América do Sul, também estacionaram defronte à Prefeitura e ao Destacamento da PM.

A mesma decisão foi tomada em outras cidades da região e a Fetaesp prevê para hoje a adesão ao movimento de pelo menos mais cinco cidades, inclusive Guariba, onde estouraram as duas últimas greves.